

**O TEXTO E O LEITOR:
UMA RELEITURA DE “RESTOS DO CARNAVAL”,
DE CLARICE LISPECTOR**

Roberto dos Reis Cruz (UFBA)

roberttreis2012@yahoo.com.br

Benedito José de Araújo Veiga (UFBA)

bveiga@uol.com.br

1. Nota introdutória sobre o conto e Clarice Lispector

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920, tendo recebido o nome de Haia Lispector, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector. Seu nascimento ocorre durante a viagem de emigração da família em direção à América

Aos nove anos de idade, em 1930, Clarice Lispector já era uma garota atenta à cultura e o conhecimento e escreve *Pobre menina rica*, cujo texto foi inspirado a partir de sua ida ao teatro em Pernambuco, Recife. Nesta década, especificamente nos anos de 1931, ela inscreve-se para submeter-se a uma avaliação de admissão no Ginásio pernambucano. As historinhas escritas pela escritora mirim iam além de sua idade, pela maturidade do pensamento e ideias ali impressas. O *Diário de Pernambuco*, parte do jornal dedicava, àquela época, uma folha para registros e composições infantis, mas os textos de Clarice Lispector eram recusados, pois, segundo o *Diário*, as suas histórias não tinham enredo e fatos, diferente de outras crianças, só havia sensações.

A família muda-se para Recife, Pernambuco, onde Pedro, o seu pai, pretende construir uma nova vida. A doença de sua mãe, Marieta, que ficou paraplégica, faz com que sua irmã Elisa se dedique a cuidar de todos e da casa.

Em 1971, a autora publica a coletânea de contos *Felicidade Clandestina*, volume que inclui “O ovo e a galinha”, escrito sob o impacto da morte do bandido Mineirinho, assassinado pela polícia com treze tiros, no Rio de Janeiro. Nesta obra, há também um conjunto de escritos em que rememora a infância em Recife. Dez de seus contos já publicados constam de *Elenco de Cronistas Modernos*, lançado pela Editora Sabiá. Em 1943, a autora publica o seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*.

Dentre os contos compostos da obra já mencionada, consta-se “Restos do carnaval”, um das belas narrativas de Clarice Lispector. Assim, busca-se analisar o texto narrativo a partir dos “pontos de certeza” e “incerteza” presentes no texto, ou seja, passagens que, muitas vezes são e não são preenchidas pelo leitor. Geralmente os contos de Lispector são narrados em 1ª pessoa, considerado moderno. A autora dá voz a uma narradora personagem (adulta) a qual recorre às suas lembranças da infância e resgata as emoções vividas em um dia de carnaval. A personagem é surpreendida por situações do cotidiano, além de ser ignorada em função da fantasia.

2. *Restos do Carnaval: o inesperado?*

O conto de Clarice Lispector, *Restos do Carnaval*, incita o leitor desde o seu título uma provocação à leitura. Claro que uma leitura passiva não seria suficiente para dar sentidos aos fatos narrados, lacunas e ou desfechos preenchidos pelo leitor.

Em *A Leitura* (2002), de Jouve, nos ajuda compreender as formas em o que leitor poderá ser “levado a completar o texto”, apropriando-se de quatro esferas consideradas essenciais na sua recepção textual: “a verossimilhança, a sequência das ações, a lógica simbólica e a significação geral da obra”. (JOUVE, 2002, p. 63). Tomando como base a narrativa em questão, “Como as personagens o espaço e a situação não podem ser descritos inteiramente, o leitor completará a narrativa na sua imaginação segundo aquilo que lhe parecer verossímil” (JOUVE, 2002, p. 63).

A ideia que Jouve estabelece sobre a recepção do leitor, se relaciona com os pontos narrativos que Lispector imprime nas páginas. O conto pode ser classificado como moderno, com foco narrativo em primeira pessoa, no qual uma narradora-personagem, valendo-se de lembranças da sua infância, resgata as emoções vividas em um dia de carnaval. A narrativa desenrola-se em tempo cronológico, possui uma linguagem simples e poucas personagens, o que dá possibilidades ao leitor compreender o enredo ou desenredo, quando em situações deparadas pelos eventos da vida, a garota, por vezes, é surpreendida a fatos jamais esperado pelo simples desejo de participar do baile de carnaval e usar uma fantasia.

Levada pela emoção das lembranças, a narradora conduz o leitor a uma interação com a sua história, deixando brechas no linear dos fatos, permitindo assim o seu preenchimento. A ansiedade daquele pequeno co-

ração e o tom com que são relatados os fatos proporciona expectativas, às vezes positivas, outras negativas. “Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado [...]” (LISPECTOR, 1976, p. 120). Nesse trecho a grande expectativa que se tem é de um acontecimento agradável que possa dar-lhe felicidade, porém na leitura do fragmento seguinte, através da expressão, já se espera um desfecho lamentável. “Muitas coisas que me aconteceram tão piores questões, eu já perdoei. No entanto, essa não posso sequer entender agora [...]” (LISPECTOR, 1976, p. 120)

Das ideias de Vincent Jouve (2002), podemos traduzir que a leitura não é uma recepção passiva, ela é uma interação produtiva entre o texto e o leitor e necessita da participação do receptor, pois o texto é inacabado, incompleto e para atingir a sua completude é preciso que alguém o leia, complete as suas lacunas, de certa forma, estabeleça um diálogo com o texto.

Na recepção de Lispector, é perceptível o diálogo entre o narrador personagem com o próprio leitor, levando-o a preencher as lacunas que o texto apresenta, bem como o induzindo a viver e reviver essa realidade que a garota era movida também pelo remorso e impedida de participar, notável pela sequência dos fatos, através das passagens referentes ao carnaval. “Carnaval era meu, meu” (LISPECTOR, 1976, p. 119). Percebe-se uma ansiedade da narradora em externar sua paixão pelo carnaval que parecem lhe faltar palavras, no entanto, o leitor atento não terá dificuldades em complementar o entendimento da intenção da narrativa por detrás dessas palavras.

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. (LISPECTOR, 1998, p. 25)

Do início ao fim do conto, a voz narrativa, de posse de uma narradora feminina, a autora mergulha no tempo, no espaço e na memória atravessando a sua infância para descrever um momento ocorrido. Os símbolos com que a narradora faz referência ao carnaval, mas não deste, traz para si uma angústia, quando nas ruas pacatas de Recife, o evento dava adeus nas quartas-feiras de cinzas e o silêncio tomava conta daquele lugar e invadia o coração da garota.

Logo no início da narrativa, o leitor ativo pode antecipar o desenrolar e ou o desfecho da pista que a narradora anuncia. Entre a alegria e ansiedade da garota, aproximava-se o carnaval tão esperado por ela. Na

passagem: “[...] Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). O desejo constante em participar de um baile infantil e de se ver naquela fantasia tornava-se completo na alegria do outro, até então nunca concretizado. Ela vivia o carnaval de longe, da escadaria do sobrado onde morava.

Considerando a teoria trazida por Bosi (1988), ponto em que ele discute a interpretação da obra literária, em *Céu/inferno, ideologia*, sobre o *evento e forma* na literatura, percebe-se passagens em *Restos do carnaval* imagens representativas dessa perspectiva em relação à leitura e interpretação. A narradora personagem é flagrada quase que o tempo todo diante dos eventos que vão de encontro ao seu desejo. Bosi “entende-se por evento todo acontecer vivido da existência que motiva as operações textuais, nelas penetrando como temporalidade e subjetividade”. (BOSI, 1988, p. 175).

Um dos eventos marcados na narrativa clariciana acontece quando a garota de oito anos vestiu-se de rosa e ali se reconheceu como mulher, ou seja, se descobriu adulta, talvez uma mulher diante do garoto de doze anos quando, naquele carnaval conhecera e cruzava olhares. O texto enquanto campo semântico possibilita ao leitor “colher tudo quanto vem escrito”. Mas interpretar é eleger”. (BOSI, 1988, p. 175).

Na invenção do texto enfrentam-se pulsões vitais profundas (que nomeamos com os termos aproximativos de *desejo e medo, princípios do prazer e princípio de morte*) e correntes culturais não menos ativas que orientam ideológicos; os padrões de gostos e os modelos de desempenho formal. (BOSI, 1988, p. 175).

Nessa vertente, Lispector escreveu as suas obras com temáticas insólitas, existenciais. São pontos cruciais na narrativa clariciana, pois com um vocabulário simples, mas num lirismo carregado de subjetividade forte, insere aí assuntos vividos por homens e mulheres das variadas classes. A garota vivia entre a “cruz e a espada:” o desejo e o prazer, a dor e o remorso de participar do baile infantil e o problema enfrentado com a doença da mãe, que a deixava muito triste, embora da escadaria, até às onze horas da noite, ainda vivia a espiar os cortejos que por ali passavam.

A construção da personagem infantil no enredo dá sentido coerente à narrativa talvez pela ingenuidade, fantasia e realização de viver aquele momento jamais esquecido, uma vez que a garota passava por di-

lemas da vida que impedia extravasar a alegria de fazer parte da multidão que corria as ruas de Recife. O texto é um espaço privilegiado para a concretização dessa realidade, porque não se distancia completamente do dia-a-dia do indivíduo.

O texto não pode construir personagens absolutamente diferentes daquelas que o indivíduo coteja na vida cotidiana. Mesmo as mais fantásticas criaturas dos romances de ficção científica conservam, entre uns atributos mais ou menos insólitos, propriedades diretamente emprestadas dos indivíduos do mundo “real”. (JOUVE, 2002, p. 62)

Em meio às alegorias, para a garota duas coisas tinham que perdurar: um lança perfume e um saco de confete; isso entrega a garota expectativas de reviver momento mais intenso. Na passagem do conto, em que a narradora personagem rememora ainda tomada pela emoção, é incapaz de registrar tal situação. O título e o desenrolar da narrativa são pistas cruzadas, seja uma situação amorosa, restos de papel crepom, uma situação inesperada em relação à doença de sua mãe, o reconhecimento de ser mulher diante da fantasia cor de rosa, enfim, um encontro de convenções que o texto oferece ao leitor. Assim, Jouve teoriza a leitura em um dos seus aspectos para o termo *incipit*¹⁰⁷ como pacto explícito de situar o leitor diante do texto.

Mesmo sabendo que a narradora personagem de *Restos do carnaval* sendo surpreendida pelos percalços da vida, carrega responsabilidades grandes em lidar com a doença de sua mãe, com a sua meninice sonha viver o mundo da fantasia que toda criança na sua idade gostaria de participar de um baile infantil. Nesse momento, percebe-se uma dualidade dos fatos narrados no que tange à atitude da menina. O leitor, diante dessa realidade, se depara em dois polos: “espaços de certezas” e “espaços de incertezas”. Esses *pontos de ancoragem*, como definiu Jouve (2002, p. 66), permitem ao leitor perceber imagens claras que o texto dá, pistas que entrelaçam a narrativa em seu sentido macro. Como todo texto literário, não só pelo uso da linguagem carregada de subjetividade, e pelo uso de imagens ambíguas, tornam a leitura do texto mais complexa. Aí se configura os espaços de incerteza que o leitor enfrenta e ao mesmo tempo depende dele para decifrá-lo.

¹⁰⁷Jouve insere o termo em variados sentidos e contextos da leitura: como função de circunscrever um quadro de leitura; o tipo de narrativa de que se trata, o modo como deve ser lida e o que vamos encontrar nela.

Outro perfil e papel de leitor em relação ao texto narrativo, se dá, sobretudo, pela “antecipação e simplificação” os quais são “reflexos básicos da leitura”. Jouve soube muito bem definir esses dois papéis do leitor, quando em *Restos de carnaval*, podemos estabelecer uma antecipação do ocorrido ou deduzir o que poderia acontecer com a narradora personagem. O levantamento de hipótese também vale, pois “[...] o leitor constrói uma hipótese sobre o teor global do texto: de antemão, ele antecipa – e, portanto simplifica – o conteúdo narrativo”. (JOUVE, 2002, p. 75). Quando na passagem da narrativa, a narradora- personagem alerta o leitor através de suas memórias de adulta e rememora a sua infância, de um carnaval nunca vivido, só observado. Um olhar pulsante e inquietante em meio aquele cortejo, entre cantos e caminhadas pelas ruas de Recife, a mistura de vozes humanas era cantadas em seu interior que intimamente agonizava, mas não ocultava.

A narradora, de forma precipitada, conduz o leitor na direção e linearidade dos fatos. Mesmo com rastros de expectativas, logo fornece suspense e ou resposta de imediato. Seguimos o parágrafo a seguir, o qual o texto evidencia essa característica quando a menina encantada com a fantasia da amiga sonhava estar tomada com aquele corpo coberto de papel crepom cor-de-rosa, que para ela, essa seria uma realidade impossível, pelo fato de sua irmã preocupar-se com a doença de sua mãe.

Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga –talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez pura bondade, já que sobrara papel-resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma. (LISPECTOR, 1976, p. 120)

No fragmento da narrativa, passagens que norteiam a recepção e decisão do desfecho da narrativa. Assim, concebe-se também outros trechos, elementos em que Jouve caracterizou de “embreagem de ficcionalidade”, apesar de o conto não inaugurar a famosa passagem “era uma vez”, como são notáveis comumente em contos de fadas, mas na medida em que a narradora vai descrevendo fatos, tem sempre uma surpresa ao leitor. Esses caminhos narrativos são manifestações do narrador, que por sua vez, estabelece o pacto de leitura, como, por exemplo, *foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado*.

“Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve de ser tão melancólico?” (LISPECTOR, 1976, p. 120). O conto traz à baila uma condição biográfica de Clarice Lispector. Ao narrar fatos vividos em sua infância, ela revive e relembra o carnaval o qual foi tão me-

lancólico como é questionado, tornando um marco na sua memória. Ao imprimir as primeiras linhas da narrativa, a autora deixa claro que este carnaval deveria ser diferente, uma vez que em todas as épocas carnavalescas, o lança perfume e o saco de confete era um ritual: além de ficar prostrada frente de sua casa, de camarote, vendo os foliões e mascarados passarem.

Restos de carnaval mistura sentimentos fortes vividos pela menina cercada de alegria, mas é confrontada ao carregar um peso dramático de conviver com a doença da mãe que piora, por ironia do destino, justamente nos dias de carnaval. Além do contraste “restos”, o título revela as quartas-feiras de cinzas, não como o final da festa, e sim o começo, que traz lembranças simbólicas do confete e serpentina como alegorias de situações cotidianas e que supostamente a alegria da festa parece rir, brutalmente, da tristeza, luto e dor, que levou o destino de sua mãe.

“E as máscaras? Eu tinha medo mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara”. (LISPECTOR, 1976, p. 119). A menina, mesmo movida pelo fascínio das máscaras, elas tinham uma representação significativa na sua vida.

[...] a máscara simbolizava a possibilidade da menina fugir, ainda que por poucas horas, da situação crítica que abalava sua família e que a fazia sofrer, podendo ser outra que não ela mesma, sentindo-se livre daqueles problemas que a afetavam diretamente, mas que ela não podia resolver e pouco compreendia. (QUEVEDO, [s.d.], p. 602 – texto online)

Aos oito anos, a menina queria viver a realidade e o seu mundo encantado, mas ela era impedida de experimentar tal evento, mas nesta época desejava um carnaval diferente. Então com as sobras, os restos de materiais de papel crepom a menina vê ali a oportunidade de curtir, mesmo sendo impedida pelos sentimentos que a sufocava. Com medo das máscaras de carnaval, ele enfrentava os mascarados porque se via naquele momento uma pessoa diferente, querendo colocar uma máscara que, para ela, era esquecida diante da tão sofrida doença da mãe.

“Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um *destino* é irracional? É impiedoso.” (LISPECTOR, 1976, p. 121). Envolvida pela emoção, prazer e euforia, ela superou o seu orgulho ferido de ganhar uma fantasia de presente, pois para ela seria a primeira vez na vida, quando sempre quisera; queria ser uma outra pessoa que não ela mesma. Assim, a autora adulta, através de sua consciência do contras-

te do ocorrido torna, para ela, imperdoável. Essa percepção não é notada no comportamento da criança, porque a menina traz inconscientemente o drama pessoal, mas não pensaria que a sua mãe fosse falecer. Na idade infantil, a criança não iria pensar na morte que se aproximava.

A quebra de expectativa da menina é interrompida quando ela é chamada, com a sua fantasia, ansiosa, à espera do baile infantil, e vai às pressas comprar o remédio da mãe, que de súbito piorou. Assim, a narradora

Fui correndo vestida de rosa- mas o rosto ainda nu não tinha máscara de moça que cobria minha tão exposta vida infantil-fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava. (LISPECTOR, 1976, p.121).

Nessa passagem, o clímax do conto é marcado. A menina segue em silêncio, revoltada, pela tragédia que, por ironia do destino, atravessa o seu caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *Céu/inferno, ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad.: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Contos. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

_____. *Seleção de Clarice Lispector*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

QUEVEDO, Carindia do Amarante Marques; AQUINO, Ivânia Campigotto. A leitura de Clarice Lispector pelo público infantil e infanto-juvenil. *Revista Travessia*, vol. 4, n. 1, p. 592-613. Unioeste, Cascavel (PR), 2010. Disponível em: <[http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3623/2875](http://e-<u>revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3623/2875</u>)>